

## O Centro de Referência em Alfabetização de Santa Maria: memória, realizações e desafios

 Dalva Martins de Almeida \*  
Cláudia Aparecida Borges \*\*

Os oito primeiros anos representam um período importante na vida de qualquer criança. Uma fase de intensas mudanças. Neste espaço de vida, as crianças já têm histórias para contar, caixas ou baús para remexer. E nesse sentido, é possível questionar: após oito anos de Centro de Referência em Alfabetização (CRA) em Santa Maria, quais histórias ele poderia contar?

Do mesmo modo como ocorreu em vários lugares do Distrito Federal, o ano de 2008 deve ser destacado como o início da implantação do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA) em Santa Maria. Ao que parece, hoje é um momento não apenas de celebração, mas uma oportunidade para que sejam estabelecidas estratégias que mantenham viva a necessidade de uma prática pedagógica

diferenciada.

Esta expectativa está alinhada com o que propõe Ricoeur (2007, p. 40). Esse filósofo sugere que relembrar é trazer para o presente algo ausente, ocorrido antes, e também um meio de reaprender. Assim, nosso objetivo é relembrar para ressignificar e reaprender com as experiências desses oito primeiros anos do CRA de Santa Maria.

Instituir e implementar o BIA em 2008 foi como desbravar novos caminhos. A então equipe do CRA promoveu encontros localizados com coordenadores dos Anos Iniciais e visitou escolas com o intuito de apresentar a proposta que havia sido desenvolvida em conjunto com outros professores da rede. Além disso, foi utilizada a estratégia do "BIA em DIA", que consistia na circulação de um livro

Um excelente educador não é um ser humano perfeito, mas alguém que tem serenidade para se esvaziar e sensibilidade para aprender.

*Augusto Cury*

grande e pitoresco pelas diferentes escolas. Quando o livro chegava em uma determinada escola, eram registradas algumas das atividades realizadas com as turmas de alfabetização. O interessante era o intercâmbio de ideias e os laços que se estabeleciam entre os diferentes professores das diversas escolas. As palavras a seguir são de uma das professoras do 1º ano do ensino fundamental que participou desta iniciativa, que chamaremos de Maria:

Eu me lembro bem. Nossa! Era uma correria. Eu confesso que ficava meio apreensiva com aquilo. No início, quando o "livrão" chegava, e era muito grande mesmo, ficávamos meio receosas de colocar nossas atividades ali. Acho que ainda era aquele sentimento de que alguém estava vigiando o nosso trabalho. Com o passar do tempo,

\* Dalva Martins de Almeida foi articuladora do CRA em 2009, 2011 e 2012.

\*\* Cláudia Aparecida Borges foi articuladora do CRA em 2008, 2009, 2012, 2013, 2014 e 2015.



porém, esta atividade foi se tornando prazerosa. Eu aproveitei muitas sugestões de colegas que nunca tinha visto. Era bom saber o que e como os professores estavam trabalhando. Uma coisa interessante era que os professores deixavam bilhetinhos falando da atividade que aplicou. Tipo curtir e comentar como se usa hoje nas redes sociais. (Professora do Centro Educacional Santa Maria)."

O relato da professora Maria reflete a força de uma atitude simples como essa. Contudo, em outros relatos, percebe-se os percalços da atividade, como por exemplo a demora na devolução do livro, a distância das escolas, e a postura de alguns professores de não socializar as atividades. De qualquer modo, a circulação do "livrão" BIA em DIA foi uma estratégia interessante e colaborou

para a divulgação das atividades e dos eixos integradores do BIA.

"Nem tudo foram flores", afirma um membro do CRA 2008, que nos conta sobre a tentativa de fazer com que desse certo a proposta da escola ciclada, apesar das muitas barreiras enfrentadas, entre elas: a falta de espaço próprio para a realização das tarefas do CRA e o desconhecimento da Proposta do BIA.

O ano de 2009 chegou com nova equipe, o que é, aliás, uma das características do CRA: a rotatividade. Velhos problemas persistiam. O desafio da equipe era superar as dificuldades de espaço e conhecer a real necessidade do grupo de professores do BIA. Uma das estratégias que rendeu uma intervenção profícua foi o questionário-sondagem enviado para as escolas, para ser discutido nos

grupos específicos de professores. Esse instrumento tinha por objetivo diagnosticar o entendimento que as escolas tinham sobre a Proposta Pedagógica do BIA, a fim de orientar possíveis ações futuras. E isso ocorreu por meio de devolutivas durante encontro com coordenadores e supervisores, onde foram pontuadas as principais dúvidas dos professores e as possíveis ações a serem tomadas nas coordenações coletivas.

Existia um consenso na equipe de que era necessário apoiar os supervisores e coordenadores pedagógicos através de suporte técnico-pedagógico. Para tanto, encontros de formação temáticos foram organizados, com o intuito de discutir temas como: reflexões sobre a proposta pedagógica do BIA; realização dos "Forinhos" ou momentos de avaliação nas escolas junto aos professores; agendamentos para orientação quanto à realização de projetos interventivos e reagrupamentos. Um tema bastante discutido foi o da realização das quatro práticas e da instituição de uma rotina pedagógica que auxiliasse a mediação entre os professores e suas respectivas turmas.

Contudo, a partir do estudo dos dados da Provinha Brasil e da utilização da mesma como instrumento para o redimensionamento da prática pedagógica, a equipe do CRA deliberou uma série de ações que incluíam: estudo dos resultados de cada escola, a partir das dificuldades e avanços evidenciados no desempenho dos

alunos, e do resultado coletivo de Santa Maria. Assim, o diálogo com as escolas precisava girar em torno do trabalho coletivo, do reagrupamento, da realização de projetos interventivos, e da avaliação permanente.

Posteriormente, em decorrência da tabulação dos dados das psicogêneses e, em especial, dos dados da Provinha Brasil, foram organizados dois cursos com o apoio da equipe da Oficina Pedagógica: um para professores das 2ª séries e outro para os professores dos 2º anos. Deste modo, o curso para os professores do 2º ano foi intitulado: "Alfabetizar letrando, letrar alfabetizando". Já o curso dos professores das 2ª séries foi chamado: "SOS Pré Silábicos e Silábicos". Uma peculiaridade era que os cursos abrangiam professores, coordenadores e supervisores pedagógicos.

O curso "SOS Pré Silábicos e Silábicos" teve como temática central a compreensão da avaliação como um processo de aprendizagem. Além disso, foram incluídas também as questões das metas e da psicogênese, bem como a importância da psicomotricidade e de jogos cooperativos enquanto promotores de aprendizagem e da ludicidade. Por fim, o curso contemplou a compreensão das quatro práticas na construção de rotinas, com destaque para os letramentos e a produção de textos, tendo em vista a promoção de um ambiente afetivo, acolhedor e alfabetizador.

Por sua vez, o curso "Alfabetizar letrando, letrar alfabetizando" partiu do foco da avaliação e procurou discutir também as quatro práticas da alfabetização, a questão da sistematização do código e análise linguística, a consciência fonológica, a prática da leitura e da escrita, letramentos e a construção de uma rotina de aprendizagem.

Os cursos seguiram bem, conforme podemos lembrar. Na verdade, o ano de 2009 foi de muitas realizações. Além dos cursos, a equipe do CRA seguia com a rotina de acompanhamento nas escolas e no apoio ao coordenador e supervisor, atuando também no grupo de trabalho dedicado à revisão da Proposta do BIA. Destaca-se aqui a realização dos "Forinhos", que culminaram na realização do Fórum de Desempenho dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, com a presença de professores dos Anos Iniciais e gestores.

A programação do Fórum incluía o depoimento de membros de cada escola sobre as experiências dos seus respectivos



"Forinhos" e possíveis intervenções. A reflexão: *O que fazer com os resultados da avaliação?* foi conduzida pelas Ma. Verinez Carlota e Ma. Eliene Cleuse, ambas com formação em avaliação, que contribuiu para o entendimento dos instrumentos de avaliação como suportes de intervenção pedagógica.

Uma boa imagem para recordar do ano de 2009 é a do ExpoBIA, que encerrou o ano letivo com o intercâmbio do que foi produzido nas escolas, nos encontros do CRA e nos cursos. No ano seguinte, o CRA Santa Maria passou por novas mudanças na equipe, mas o espírito permaneceu o mesmo: dar suporte às escolas através de acompanhamento



pedagógico e da promoção de oficinas de letramento.

Em 2011, a nova equipe do CRA percebeu a necessidade de criar um "termômetro" para aferir o que vinha acontecendo nas escolas no que diz respeito à implementação da Estratégia Pedagógica do BIA. Então, foi feita uma nova sondagem sobre as fragilidades e potencialidades observadas no desenvolvimento das atividades pedagógicas. Curiosamente, velhas questões persistiam, dentre elas a dificuldade na realização do trabalho coletivo, a constatação da ausência de espaços adequados para a realização dos projetos interventivos, a falta de pessoal no apoio ao reagrupamento, a resistência de pais na realização do reagrupamento, a superlotação nas salas de aulas, o distanciamento de algumas equipes gestoras na

elaboração e acompanhamento do projeto interventivo, além das dificuldades na introdução da organização escolar em ciclos.

Apesar disso, era hora de "partir para a luta". A equipe, então, saiu a campo. Um ponto importante é lembrar que foram realizados encontros em atendimento à solicitação das escolas, com professores dos primeiros aos quintos anos, para discutir a psicogênese. Tivemos como direcionamento para os debates nas escolas o que propõe Celso Vasconcelos, ou seja:

Avaliar é localizar necessidades e se comprometer com sua superação. Enquanto os alunos se perguntam o que fazer para recuperar a nota, os professores devem se questionar como recuperar a aprendizagem. (VASCONCELOS, 2002).

Por outro lado, a discussão sobre a utilização da psicogênese como instrumento de avaliação envolveu os professores em "Oficinas de Psicogênese".

As "Oficinas de Letramentos de linguagem e de matemática", baseadas no livro: "Eu nunca vou comer um tomate", de Lauren Child, representaram um meio para discutir com mais profundidade o uso das quatro práticas. Como assevera Magda Soares:

Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. (Soares, 2004)

Essas discussões foram realizadas nas escolas com todos os professores dos Anos Iniciais, e os professores puderam vivenciar o leque de possibilidades que emergem das práticas de letramento e de ludicidade.

O ponto capital da ação do CRA em 2011, certamente, foi a disseminação da importância da avaliação no processo de aprendizagem. Essa ação teve como esteio o que preconiza Hoffmann (2001), que é "avaliar para promover". Ou seja:

uma tomada de consciência sobre a própria aprendizagem e sobre a própria conduta, para ampliar suas possibilidades e favorecer a superação de dificuldades.

As atividades de avaliação ocorreram nas escolas e foram nomeadas "Forinhos: buscando

Quadro 1

Público	Letramento Linguístico	Letramento Matemático
Professores de 1º ano	<i>Rosassari</i> . Maria Heloisa Penteado. Gêneros textuais: certidão de nascimento, conta de água e de luz, cartão de vacina. Nome, identidade, localização. Bingo e rotina.	<i>O aniversário</i> . Coleção Os Pingos. Eliardo e Mary Franca Construção de situações-problemas.
Professores de 2º ano	<i>As Tranças de Bintou</i> . Sylviane A. Diout. Gênero textuais: Como interferir na mudança dos níveis psicogenéticos dos alunos? 4 Estações: Alfabeto em pedaços, tipos de leitura - Varal de gêneros, produção de texto e reestruturação.	<i>E Eles querem contar</i> . Luzia Faraco Ramos. Encartes, calendários Tabelas, gráficos Sete processos mentais com materiais concretos.
Professores de 3º ano	<i>Severino faz chover</i> . Ana Maria Machado Gênero textuais: Literatura de cordel; xilogravuras: quadros; Os retirantes; canções de Marisa Monte e Luiz Gonzaga; mapas; dicionários.	<i>Os problemas da família Gorgonzola</i> . Eva Furnani Situações-problemas, desafios Abaco/Cuisinaire Tangran/Blocos Lógicos.

"caminhos". Outro momento relevante na atividade de acompanhamento e avaliação nas escolas foram os encontros com os coordenadores, supervisores e articuladores do CRA. Os encontros eram personalizados, isto é, a equipe do CRA recebia a escola para avaliar o desempenho dos alunos nas duas edições da Provinha Brasil e nas quatro psicogêneses. Os representantes de cada escola detectavam quais alunos seriam atendidos nos projetos interventivos em 2012, nos terceiros anos. O documento final desses encontros foi nomeado "Avaliação de Desempenho para Planejamento e Organização das Intervenções Pedagógicas".

O importante nesse documento era determinar a situação de cada aluno tanto em Letramento Linguagem quanto em Letramento

Matemático, evidenciando as dificuldades que deveriam ser sanadas nos projetos interventivos, logo no início de 2012. Este documento-instrumento foi concebido tendo em vista a organização e o planejamento do trabalho pedagógico.

Por onde começar em 2012? A equipe da CRA optou por promover uma reflexão sobre: qual o papel do professor alfabetizador do BIA? O que está garantido no Currículo? Como chegar a um leitor proficiente? Como conclusão, a equipe percebeu a necessidade de trabalhar com os diversos letramentos. Foram organizadas oficinas de letramentos em linguagens e letramento matemático, que foram intituladas "Circuito Alfalettrar", com o objetivo de viabilizar o trabalho docente a partir dos eixos integradores: alfabetização, letramentos e ludicidade.

O "Circuito Alfalettrar" partiu de

obras literárias para trabalhar os diversos gêneros textuais como prática de leitura, da escrita e dos sete processos mentais. Neste sentido, a intenção era contribuir para a ressignificação da rotina pedagógica, e estimular a construção de um ambiente alfabetizador e matematizador, como exemplifica o quadro 1 acima.

A pretensão era instrumentalizar os professores no trabalho com a leitura, com a escrita e com a matemática, dando especial atenção aos eixos e princípios preconizados nas Diretrizes Pedagógicas do BIA. Para facilitar a compreensão do que foi essa atividade, talvez seja melhor explicitá-la. Inicialmente, o grupo de professores de cada ano foi dividido em quatro subgrupos. Diariamente, após a realização de uma atividade coletiva de "contação de história", cada subgrupo vivenciava uma atividade diferente.



Ao cabo de 20 a 25 minutos, o circuito rodava. Ao final, cada grupo teria passado pelas quatro estações de linguagens.

Na contação de “Severino faz chover”, por exemplo, toda uma ambientação com coisas que remetiam à região nordeste brasileira foi montada: artesanato típico, versos e livros em cordel, comidas, mapas da região, etc.. A seguir, atividades foram organizadas a partir de temas como: a identificação de palavras do vocabulário nordestino; sua localização geográfica; contação de histórias relacionadas ao tema dos retirantes; canções de Luiz Gonzaga e Marisa Monte; telas de Portinari; e livros em cordel. E, em cada estação, os participantes eram encorajados a explorar essas temáticas. “Foi uma atividade inesquecível” comentaram uma articuladora e alguns professores. E foi mesmo!

A finalidade do “Circuito

Alfalettrar” dialoga com o que assevera Rildo Cosson (2014):

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas da poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leitura, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária, que não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética, é o que temos denominado aqui de letramento literário (COSSON, 2014, p. 120).

Em nossa concepção, a partir do trabalho com gêneros textuais, é possível evidenciar práticas sociais ligadas diretamente à construção da identidade dos alunos e à produção de sentidos, contribuindo para o desenvolvimento da aprendizagem de modo significativo. O “Circuito Alfalettrar” teve a pretensão de instrumentar os professores no planejamento, organização e execução de reagrupamentos e de projetos interventivos.

Em 2013, aliado ao trabalho que já era desenvolvido no

CRA, surgiu também o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Como de praxe, o diálogo foi iniciado em parceria com coordenadores e supervisores, como meio de refletir sobre a escola ciclada. A reflexão girou em torno de como otimizar os espaços das escolas para realização das atividades do BIA. Foi interessante observar que as atividades do projeto interventivo e reagrupamento continuavam competindo por espaços na escola. Isto é, o problema da falta de espaço ainda persistia.

A Regional de Santa Maria contava agora com 14 escolas de Anos Iniciais, depois da inserção da escola CEF Sargento Lima, que foi acolhida pela equipe do CRA. A equipe manteve o atendimento às escolas, de acordo com as demandas, sobretudo através de oficinas de produção de textos.

Do PNAIC veio à tona a discussão em torno dos direitos de





aprendizagem do aluno. Essa temática provocou vários debates nas escolas e influenciou na ressignificação da prática pedagógica. O trabalho de atendimento às demandas das Diretrizes Pedagógicas do BIA segue a todo vapor em 2014 e 2015, por exemplo através das reuniões com coordenadores e supervisores, acompanhamento

de vivências, participação nos forinhos de avaliação bimestrais, aplicação, análise e interpretação dos resultados da Provinha Brasil, acompanhamento da elaboração do PPP das escolas e circuito sobre os processos mentais para a Educação Infantil e Centros de Educação da Primeira Infância (CEPI).

E o que mais pode ser revirado

nesse baú de memórias? Talvez um sinal encorajador possa ser depreendido das palavras de Cury, reproduzidas na epígrafe deste texto: as sementes da capacidade de se renovar, de buscar, de se esvaziar e de se preencher, de acreditar no trabalho coletivo já foram semeadas, tem já um caule. E, para se tornar uma árvore

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.  
CHILD, Lauren. Eu nunca vou comer tomate. Trad. Lavinia Favero. São Paulo: Ática, 2007.  
HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.  
RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.